

DISTÚRBIOS COMPORTAMENTAIS DO ESCOLAR: UMA PEQUENA ABORDAGEM DE SUAS CAUSAS

Luís Sérgio Peres

Atualmente estamos presenciando muitos acontecimentos que estão gerando mudanças radicais na estruturação sócio-econômica da população, e, com isto, automaticamente, desencadeando vários problemas a nível familiar, muitas vezes influenciando nas atitudes dos filhos na escola, onde as crianças apresentam distúrbios comportamentais influenciados por esses fatores.

A escola é ponto de encontro de crianças provenientes de todos os níveis sociais, e estas, encontrando-se na fase da adolescência, muitas vezes demonstram agressividade, "luta pelo poder" (para influenciar colegas do sexo oposto). Vários autores chamam atenção para os riscos e problemas futuros que estes distúrbios poderão causar e alertam para tomadas de providências no sentido de acabarmos com possíveis problemas.

GARDNER (1995), diz "que devemos exorcizar o risco de retomar com freqüência ao desequilíbrio pedagógico verificado na sociedade massificada de consumo, com seu interminável cortejo de violências, drogas e neuroses sociais e pensa que a escola poderia ser uma instância corretiva dessas distorções".

A escola tem por finalidade dedicar-se aos alunos. Como parte de sua função, a escola também tenta consolidar a implantação dos valores da sociedade que ela representa e da qual os alunos, como um todo, provêm. Mas as escolas que gozam de reputação de ser boas ou excelentes tratam, freqüentemente, de selecionar crianças de elevada capacidade intelectual, de modo a produzir um número proporcionalmente alto de estudantes universitários.

A instituição que fornece uma atmosfera intelectual estimulante e apoio emocional satisfatório, assim como orientação para crianças de todas as aptidões e variados antecedentes, pode não ser citada com tanta freqüência na imprensa, mas pode se ver que está cumprindo as suas funções através da conduta de seus ex-alunos.

* Professor do Curso de Educação Física da Unioeste, Marechal Cândido Rondon/Pr - Mestre em Cineantropometria/
UFSM

As escolas não são máquinas para transmitir informações, elas atuam sempre como guias do desenvolvimento, embora em diferentes graus de eficácia. Algumas deixarão margem bastante para que seus alunos se desenvolvam a seu próprio modo, outras atuam como funis coercivos, para que o jovem que passou por eles possa ser visto atuando da maneira aprovada.

Os efeitos da escolaridade repressiva podem ser observados no trabalho criativo das crianças: as tentativas de ajustá-las ao sistema produzem monte de exercícios monótonos, escritos com esmero e corretamente redigidos, repetindo-se de criança em criança as mesmas frases de maneira reprodutora, para que elas sejam meras receptoras.

Numa escola em que se atribui importância dominante à transferência de informação, em conjunto com uma assinalável imposição de disciplina, o bom desempenho do papel do escolar resumir-se-á, ao que parece, a estar atento e aprender. Mas falta de verdadeira autodisciplina e a sufocação da curiosidade inteligente nos alunos é um triste preço educacional para que uma instituição funcione sem novidades.

O elevado comportamento moral manifestado pelo bom desempenho do papel escolar não é necessariamente o de uma verdadeira consciência social-moral. (FREEMAN, 1977, p.65).

A autêntica conscientização da conduta social é produto de amadurecimento e experiência. É um aspecto do pensamento racional e funciona independentemente das exigências sociais externas, como Piaget e outros demonstraram em seus estudos.

O professor deve ter consciência dos caminhos educacionais, suas irregularidades, individualidade e como modificar os métodos de ensino para habilitar os alunos a progredirem, apesar dos obstáculos e dificuldades.

O ensino pode ser uma transação, uma apresentação direta de informações do professor, como compêndio para o aluno, o pagamento é feito pela autoridade local.

O bom ensino é tanto uma ciência, em seu uso da técnica, como uma arte, criada através da habilidade, experiência e personalidade do professor. Um bom professor está habilitado e disposto a apurar os resultados publicados das pesquisas psicológicas educacionais e,

possivelmente, a incorporar no ensino algumas de suas implicações práticas.

O ensino para ser eficiente necessita de um bom planejamento, tendo como ponto de partida o Marco Referencial, através do meio em que vivemos ou que estamos inseridos, observando sempre as necessidades fundamentais do grupo, para, desta forma, traçarmos os objetivos para tentar atingir o diagnóstico desejado.

Porém, hoje a educação no Brasil, perdeu sua batalha contra a barbárie, transformando-se num fracasso colossal, só contido em pequenas ilhas isoladas, núcleos de interesses puramente particulares, extremamente elitistas e individualistas, desvinculadas de qualquer projeto de alcance coletivo.

SEVERINO (1993) observa que não há quem não reconheça a importância e a necessidade da educação para a sociedade brasileira. Em decorrência, se valoriza igualmente, no plano do discurso, a função do professor e a necessidade de sua qualificada formação. Mas também aqui prevalece o paradoxo: as medidas tomadas e os investimentos feitos com vistas a essa formação em nada correspondem aos valores apregoados. Os profissionais da educação são formados segundo esquemas definidos há 20 anos e, apesar dos diagnósticos feitos sobre a precariedade dessa formação, das críticas e sugestões já formuladas e de todas as declarações da importância do papel dos educadores, nada novo aconteceu que efetivamente repercutisse na situação do magistério, sobretudo naquele do ensino básico. Ao contrário, a situação só piorou, começando pela verdadeira degradação salarial da categoria, índice significativo de relevância real de uma função numa sociedade regida por economia capitalista. Não bastasse o aviltamento do salário, os professores ainda se defrontam com as condições de trabalho as piores possíveis, tal o descaso em que se encontram as escolas, sobretudo aquelas da rede pública.

A educação sistemática ofertada à população, hoje, dá a impressão de que só incorporou os defeitos da massificação, não conseguindo incorporar as vantagens da democratização. Tem-se proclamado, nos discursos teóricos, nos textos legais e na retórica oficial, que o objetivo final de toda educação é plena realização do homem, o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Trata-se de

uma colocação de objetivos de modo genérico e abstrato, impossível de ser confirmada enquanto dimensão humanista, referindo-se a um ideal que se quer alcançar.

Assim, ela visa uma maior humanização, a planificação da existência humana, para que se esclareça concretamente os caminhos a seguir na realidade histórica.

Após as colocações referentes à escola e ao professor, vamos nos ater no aluno e os seus distúrbios comportamentais na escola.

Um dos fatos principais que acarreta tais problemas é a afetividade, que segundo FREIRE (1985, p.37), "é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, onde transita o medo, o sofrimento, o interesse, a alegria e o afeto".

Para PIAGET (1988, p. 41), "o sentimento que a criança tiver experimentado no passado, na família e com os professores, orientará os sentimentos futuros. É esse sentimento primitivo que irá moldar as emoções e comportamentos mais profundos. Portanto, a afetividade na fase escolar e na adolescência do educando se apoia na direta relação afetiva dos pais e professores".

Segundo Maslow (apud MOSQUERA, 1974, p.35), "a Afetividade e o amor ocupam a terceira escala na teoria de hierarquia das necessidades e sem satisfação da mesma o homem não teria o seu desenvolvimento integral como ser humano".

Por isso, no entender de LUCK e CARNEIRO (1983), e FERNANDES (1990), a escola, além das várias disciplinas obrigatórias, tem a obrigação de desenvolver valores, atitudes e interesses, mesmo aqueles que são difíceis de serem postos em prática, como igualdade social para todas as pessoas, amor, amizade, honestidade, preservação do meio ambiente, e muitos outros possíveis.

Notamos, com isso, que a afetividade é, sem dúvida, um aspecto importante no desenvolvimento integral do ser humano. Mas, apesar da importância da afetividade no processo de interação dos seres humanos, esse aspecto é negligenciado pela literatura, da área da Educação Física, inclusive aquela que trata do processo ensino aprendizagem. Percebe-se que, no campo da Educação Física, o enfoque das aulas baseia-se, fundamentalmente, no desenvolvimento motor e técnicas desportivas. Por outro lado, propõe-se o desenvolvimento

integral do aluno e para isso é preciso também enfatizar o aspecto afetivo. Neste enfoque existe uma relação entre professor e aluno que é chamada de afetividade, o qual não é abordado, discutido, desenvolvido ou vivenciado nesta relação pedagógica.

Para que o educando tenha um desenvolvimento integral, a escola deve comprometer-se com atividades que promovam ações do mundo interior, a partir dos quais o educando possa desenvolver atitudes, valores e ideais. Mesmo assim, encontramos nas escolas, hoje em dia, muitas crianças revoltadas, agressivas, demonstrando um grande problema de relacionamento grupal, descarregando em colegas e professores o "ódio e raiva", demonstrando conflitos no processo educacional, expressando muitas vezes seus sentimentos através de reflexos de nível social, familiar e cultural.

De acordo com os autores citados anteriormente, qualquer fato negativo que ocorre com o indivíduo acaba acarretando um distúrbio de comportamento, através de uma expressão do sentimento momentâneo ou dos danos deixados pelo alto grau de impacto desta ocorrência, levados sempre por uma causa secundária mas de grande importância, que está inserida no seu comportamento.

A afetividade, ou a falta desta, é uma das causas dos maiores distúrbios, pois ela é responsável pelas emoções, o sofrimento, o medo, o sentimento, etc.

Bonow **apud** MOSQUERA (1974) diz que afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções, sentimentos e paixões acompanhados sempre da tonalidade dor e prazer, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza.

Para Lannoy **apud** MOSQUERA (1974) os estados emocionais e sentimentais formam afetividade, um dos aspectos do comportamento humano.

É graças à afetividade que nos ligamos aos outros, ao mundo, a nós mesmos. É, na verdade, a afetividade que dá aos nossos atos e aos nossos pensamentos o encanto, a razão de ser, o impulso vital. É o fundamento da nossa personalidade, o que temos de mais íntimo. Não é, porém, um mundo fechado, visto que é a mesma afetividade que nos liga aos outros. Esse assunto forneceu temas inesgotáveis à leitura:

desde a simpatia, que permite experimentar o que o outro experimenta, até a incomunicabilidade, ao diálogo de surdos, tudo isso é matéria de afeição, que na análise íntima é afetividade.

Assim, a afetividade está relacionada ao amor, ao carinho, ao respeito e à aceitação do ser humano consigo mesmo e com os outros.

Um bebê que sente prazer no seu relacionamento inicial com a mãe, tende a repetir este sentimento em seus contatos posteriores com ela. Tende, ainda, a estendê-lo a outras pessoas, como tias e avós. Para tanto, necessita modificar ou diferenciar o esquema afetivo, isto é, precisa acomodar os modos de sentir atuais aos modos de sentir passados.

Dos dois aos doze anos ocorrem várias modificações em consonância com o desenvolvimento da cognição, isto é, o aumento de conhecimento, no aprendizado, no desenvolvimento motor, na coordenação, na psicomotricidade e na habilidade. Quanto ao desenvolvimento afetivo sofrem alterações, nos interesses, nos valores, nos sentimentos, nas emoções e nas inter-relações sociais.

Segundo PIAGET (1988), até os dois anos, aproximadamente, as emoções e os sentimentos gerados pelo contato da criança com a mãe são centrados no próprio corpo da criança, constituindo esquemas afetivos globais.

A medida em que o corpo infantil se separa dos familiares, ocorrem entre eles troca que, embora não sejam genuinamente sociais, fazem com que a vida afetiva se descentre e busque no meio escolar a continuidade desta união familiar, e o professor é o elo da seqüência e acolhida afetiva.

De acordo com PIAGET (1988), cada um dos personagens do meio ambiente da criança ocasiona, em suas relações com ela, esquemas afetivos, isto é, resumos ou moldes dos diversos sentimentos sucessivos que esse personagem provoca. O conjunto dos esquemas afetivos construirá o caráter da pessoa.

O mesmo acontece quando a criança inicia a sua vida escolar. É necessária uma boa acolhida, um afeto sincero e muita amizade. A necessidade de afeto é o fator mais importante da natureza humana. Ninguém pode viver sem amor. O afeto está para a vida

psicológica como a necessidade de alimento está para a vida física. Segundo Maslow **apud** MOSQUERA (1974) sem satisfação das necessidades de pertinência e de amor (afetividade), que ocupam a terceira escala na sua teoria da hierarquia de necessidades como ser humano, o homem não se desenvolveria integralmente.

O afeto será semente de uma vida escolar saudável. Daí a necessidade de compreender esse processo de desenvolvimento de afeto (domínio afetivo) para que o adulto possa contribuir para um desenvolvimento sadio da criança.

Segundo BLOOM (1985) e LUCK e CARNEIRO (1983) os termos mais comuns utilizados para definir, expressar e ter relação no domínio afetivo são: emoções, sentimentos, atitudes, ajustamento, apreciações, interesses e valores. Abordaremos, nesta parte, um estudo superficial pois estes termos são por demais amplos para poderem ser tratados, analisados, discutidos e aprofundados.

Emoção, segundo LUCK e CARNEIRO (1983), é o estado de alteração e a variação de situações, prazer e desprazer.

As emoções aprendidas dependem da cultura. Uma mesma situação pode provocar reações diferentes em pessoas de culturas diferentes. Também as expressões externas variam de uma para outra cultura, principalmente os movimentos do corpo, das mãos, do rosto em seu sorriso ou seriedade. A emoção é também uma repercussão afetiva interna, é um elo entre pessoas, um modo através do qual a interação social acontece.

Conforme SANTIN (1995, p. 29) "talvez tenhamos que reconhecer que o homem se distingue de todos os outros seres vivos pelo sentimento, pela emoção, pela paixão".

Os sentimentos são inerentes ao homem, surgiram com o desenvolvimento histórico e variam com as mudanças das necessidades sociais.

Portanto, o desenvolvimento afetivo na base escolar e na adolescência do educando se apoia na direta relação afetiva dos pais e professores.

A escola não pode se omitir, como entendem FERNANDES (1990) e LUCK e CARNEIRO (1985), da responsabilidade na ampliação, consciente e intencional, das atitudes

positivas, necessárias para o desenvolvimento integral do educando no sentido social e pessoal.

Neste aspecto, os valores que os educandos vão adquirindo são oriundos das ações ou intervenções positivas ou negativas percebidas, e sentidas pelos jovens, por parte dos seus professores.

O componente afetivo é dividido em duas categorias, conforme Pieron **apud** LUCK e CARNEIRO (1985): categoria das intervenções positivas e negativas.

As intervenções positivas são as manifestações verbais, ou não, que são manifestadas através do elogio, do afeto, do carinho, da confiança, etc.

Os reforços ou intervenções positivas exercem um efeito favorável e duradouro. A acentuação de uma manifestação, uma interferência tem uma resposta de fixação. Assim, um conhecimento, ou um comportamento não desejado leva à fixação pelo aluno. Portanto, o professor deve trabalhar com comportamentos desejados (Pieron **apud** LUCK e CARNEIRO, 1985).

Muitas vezes, o professor trata os alunos com desigualdade. E os alunos percebem isso. Figley **apud** LUCK e CARNEIRO (1985), observa que estudantes têm expressado que não gostam de serem comparados com outros ou serem classificados por causa de sua falta de habilidade. Todo aluno merece ter atenção, principalmente no que diz respeito às dificuldades práticas, e uma intervenção afetiva positiva é extremamente significativa.

A desigualdade de tratamento dos alunos pelo professor ocorre sob as mais diversas justificativas. Porém, nem é pedagogicamente correto haver exagerada atenção para alguns alunos em detrimento de outros. Entende-se que todos deverão ter e merecer a atenção do professor, especialmente quando as interferências são aquelas necessárias, as afetivas positivas.

As interferências afetivas negativas são manifestações, verbais ou não, para criticar, ironizar, menosprezar, ameaçar, agredir, punir. Outra intervenção negativa, é aquela segundo a qual o aluno possui conotação de bom ou mau, moral ou imoral, bonito ou feio, representando a imagem de uma avaliação global da pessoa através de

seu mestre.

As interferências negativas modificam, às vezes, um comportamento mais rapidamente que qualquer outra técnica de modificações de comportamento contudo, sua eficácia se limita a um curto tempo. Se ocorrem repentinamente, tendem a criar um clima nada favorável na relação entre professor e alunos. É portanto uma mera atividade.

Evidentemente, nem todas as reações de afetividade tem por objetivo a fixação da aprendizagem. A maioria das intervenções afetivas negativas se referem a comportamentos, atitudes, valores, sentimentos que o professor considera inadequados (Pierón **apud** LUCK e CARNEIRO, 1985). Por isso essas intervenções devem ser pensadas antes de aplicadas.

Em pesquisa na literatura existente sobre o assunto, constatamos que Hurst **apud** LUCK e CARNEIRO (1985), diz que os professores devem ser capazes de efetuar mais ações que venham a beneficiar os alunos positivamente do que as negativamente. Portanto, os professores devem sempre incentivar, motivar, estimular para que o aluno perceba que as ações são exclusivamente para o seu crescimento como pessoa humana.

LIMA (et al ,1985), apresenta algumas situações que muitas vezes acabam causando distúrbios de comportamento, que seriam:

1) Causas devidas à criança

1.1) Condições físicas desfavoráveis

- Prematuridade, Defeitos de visão, Defeitos de audição, Problemas neurológicos, Doenças crônicas e Desnutrição.

1.2) Condições psíquicas desfavoráveis

- Quanto à personalidade, Falta de motivação, Negativismo, Ansiedade, Fobias, Conduta anti-social na escola, Timidez ou hiperatividade, Gazetas.

2) Causas devidas à família

2.1) Condições familiares desfavoráveis

- Más condições familiares econômicas, Más condições familiares culturais, Desorganização sócio-familiar por: Pais ausentes, Pais separados, Pais em desarmonia, Pais doentes, Trabalho da mãe fora de casa, Trabalho da criança.

3) Causas devidas à escola

3.1) Condições pedagógicas desfavoráveis

- Professor tecnicamente não preparado, Professor emocionalmente desajustado, Mudanças de professores, Programa de ensino não satisfatório.

3.2) Condições físicas desfavoráveis

- Inadequação de: edifício, sala de aula (tamanho, iluminação, ventilação), mobiliário, instalação sanitária. Problemas relativos a: recreio, merenda, condução.

Detectando estas "crises e conflitos", demonstrados pelas diversas mudanças que interferem no dia-a-dia, a escola deve realizar um acompanhamento no sentido de conscientizar os alunos problemáticos, quanto as mudanças necessárias para obtenção do sucesso, através de um trabalho com a família e comunidade em que a criança está envolvida. Além de realizar um trabalho que proporcione um contínuo relacionamento professor/aluno, baseado na qualidade de atitudes, de afeto, proporcionando ações mútuas que contribuam para o desenvolvimento e aprimoramento do processo ensino-aprendizagem, através de diálogos, de experiências que oportunizem o desenvolvimento da criatividade do aluno, criando ações de respeito mútuo, interesse, valorização recíproca, postura e aceitação de críticas.

Assim, a produção do presente estudo tem por finalidade exercitar uma reflexão sobre os distúrbios comportamentais apresentados pelo escolar nas dependências da escola, verificando a origem da problemática, fatores intervenientes em sua atitude, em uma compreensão global do indivíduo, de acordo com Gardner et al **apud VALLE** (1997, p.8) que afirma "que devemos nos preocupar com os contextos reais de hoje, na escola, na família e em outros ambientes socio-grupais".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, B. et. al. **Taxinomia de objetivos educacionais** : domínio afetivo. São Paulo : Globo, 1985. v.2
- FERNANDES, E. **O aluno e o professor na escola moderna**. Aveiro, Portugal : Ed.Estante, 1990.
- FREEMAN, G. **O poder e a sabedoria**. Lisboa : Dom Quixote, 1977.
- FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro** : teoria e prática da educação física. Rio de Janeiro : Scipione, 1985.
- GARDINER, H. **Inteligências múltiplas** : a teoria na prática. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.
- LIMA, G. et. al. A criança na escola. In: MARCONDES, E. **Pediatria básica**. 7.ed. São Paulo : Sarvier, 1985.
- LUCK, H.; CARNEIRO, D. G. **Desenvolvimento afetivo na escola**. 2.ed. Petrópolis : Vozes, 1985.
- MOSQUERA, J. J. M. **Adolescência e provação**. Porto Alegre : Sulina, 1974.
- PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro : Summus, 1988.
- SANTIN, S. **Educação física, ética, estética ,saúde**. Porto Alegre : ESEF-UFRGS, 1995.
- SEVERINO, A. J. **Pensando a pós-graduação em educação**. Piracicaba : UNIMED, 1993.
- VALLE, E. **Educação emocional**. São Paulo : Olho d'água, 1997.